



**IMPACT AND PROTAGONISM: PEASANT WOMEN FACING THE
CONSEQUENCES OF CLIMATE CHANGE**

**IMPACTO E PROTAGONISMO: MULHERES CAMPONESAS
FRENTE ÀS CONSEQUÊNCIAS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

**LIMA, Arlla Katherine Xavier de⁽¹⁾; ALMEIDA, Arthur Costa Pereira Santiago de⁽²⁾;
SILVA, Alessandra Keilla da⁽³⁾; CRISTO, Crisea Cristina Nascimento de⁽⁴⁾; SANTOS, José
Roberto ⁽⁵⁾**

⁽¹⁾ 0000-0002-1535-2750; Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. arlla.lima@ceca.ufal.br.

⁽²⁾ 0000-0003-3956-1609; Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. arthur.almeida@ceca.ufal.br.

⁽³⁾ 0000-0001-8538-0994; Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. alesskeilla@hotmail.com.

⁽⁴⁾ 0000-0002-4070-5705; Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. crisea.cristo@ceca.ufal.br.

⁽⁵⁾ 0000-0002-3980-5637; Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. zeroberto@ceca.ufal.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

Climate change has several consequences that have profoundly affected women's lives, especially the lives of women farmers, as they belong to one of the most similar groups in society, and are even more supported by these changes. The impacts on agriculture significantly represented the lives of rural women, as they are responsible for producing part of the food that arrives at the table of the Brazilian people, despite this work being made invisible and seen as a mere help, peasant women have a primordial role in the production of healthy foods. The objective of this work is to analyze how peasant women are impacted by climate change and bring elements to think about public policies that encompass a gender, agroecological and intersectional perspective. The methodology used is qualitative and consists of performing a descriptive-analytical-reflective analysis through a bibliographic survey. In this way, it was possible to identify that peasant women are impacted by climate change differently from the context in which they are inserted. Women farmers have a strong bond with nature, they assume the role of guardians of natural resources and are on the front line in the fight against the destruction of the environment. It is through the empowerment and autonomy of these women that they are increasingly empowered and involved in the struggle for environmental sustainability and balance on planet earth.

RESUMO

As mudanças climáticas acarretam diversas consequências que afetam em cheio a vida das mulheres, principalmente a vida das mulheres agricultoras, por estarem em um dos grupos mais vulneráveis da sociedade, são ainda mais afetadas por essas mudanças. Os impactos na agricultura afetam significativamente a vida das mulheres do campo, pois elas são responsáveis por produzir parte dos alimentos que chegam na mesa do povo brasileiro, apesar desse trabalho ser invisibilizado e visto como uma mera ajuda, as mulheres camponesas têm papel primordial na produção de alimentos saudáveis. O objetivo deste trabalho é analisar como as mulheres camponesas são impactadas pelas mudanças climáticas e trazer elementos para se pensar políticas públicas que englobam uma perspectiva de gênero, agroecológica e interseccional. A metodologia utilizada tem caráter qualitativo e consiste em realizar uma análise descritivo-analítico-reflexiva através de um levantamento bibliográfico. Dessa forma foi possível identificar que as mulheres camponesas são impactadas pelas mudanças climáticas de forma diferente a partir do contexto em que estão inseridas. As mulheres agricultoras têm um laço forte com a natureza, assumem o papel de guardiã dos recursos naturais e estão na linha de frente no combate à destruição do meio ambiente. É através do empoderamento e da autonomia dessas mulheres, que cada vez mais elas estão fortalecidas e envolvidas no processo de luta pela sustentabilidade ambiental e equilíbrio do planeta terra.

**INFORMAÇÕES DO
ARTIGO**

Histórico do Artigo:

Submetido: 10/11/2022

Aprovado: 27/02/2023

Publicação: 10/04/2023



Keywords:

Rural women, climate change, sustainable development.

Palavras-Chave:

Mulheres do campo, mudanças do clima, desenvolvimento sustentável.

Introdução

As pautas políticas, sociais e econômicas estão extremamente ligadas às questões da natureza e ao meio ambiente, principalmente às mudanças climáticas que se constituem num dos maiores desafios que a humanidade tem enfrentado nas últimas décadas. Em 2014, o Relatório de Avaliação do Clima (AR5) (IPCC, 2014) assinalou que o aquecimento global é inequívoco. Reforçando os resultados do relatório anterior, de 2007, o AR5 apontou, com grau de certeza superior a 90%, que a principal causa da elevação da temperatura do planeta observada nos últimos 50 anos é o aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera decorrentes de ações antrópicas.

Nos países subdesenvolvidos, as relações entre as mudanças climáticas e seus efeitos desiguais, amplia as opressões sofridas pelas mulheres, os corpos feminilizados sofrem mais, especialmente pela perda de biodiversidade e destruição de ecossistemas (OLIVEIRA, et al., 2021). As mulheres não são afetadas uniformemente, quanto mais vulnerável e escura essa mulher, mais afetada (GONÇALEZ, 1984; MOREIRA, 2020). As mulheres que sofrem os efeitos socioeconômicos associados às consequências das mudanças climáticas, são as primeiras a perder o emprego ou ter suas rendas reduzidas diante de uma situação de crises econômicas, sanitárias, políticas ambientais ou climáticas (MOREIRA, 2020;). O aumento da deterioração dos recursos naturais evidencia que não é possível continuar com as mesmas políticas e estratégias utilizadas hoje, dada a situação da crise que o planeta vem vivendo. Faz-se necessário uma nova geração de políticas para o desenvolvimento sustentável que garanta a preservação dos recursos naturais que ainda restam na terra. Assim, necessário se faz que se adote uma lente interseccional capaz de abarcar todas as especificidades que tornam essas vivências diferenciadas (OLIVEIRA, 2005).

É importante abordar a questão das mudanças climáticas a partir de duas premissas, a primeira é dizer que os impactos são sentidos de forma desigual entre agricultores e agricultoras e a segunda é que as ações das mulheres agricultoras tem sido fundamental para a construção de um sistema de produção que seja resistentes e adaptados aos efeitos das mudanças climáticas. Entendendo esses riscos e o grau de sua vulnerabilidade, houve ao longo dos anos uma maior inserção social das mulheres, foi possível construir um processo de luta pela sustentabilidade ambiental, entendendo esse como um processo social de construção de conhecimento a partir de práticas agroecológicas de produção de alimentos saudáveis.

Sendo assim, esse trabalho tem por objetivo analisar como as mulheres camponesas são afetadas pelas mudanças climáticas e trazer elementos para se pensar políticas públicas que englobam a perspectiva de gênero, que seja agroecológica e com aspectos interseccionais.

Procedimentos Metodológicos

Neste trabalho, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados de publicações científicas publicadas a partir de estudos realizados no Brasil nos últimos 10 anos sobre os temas “mulheres camponesas”, “protagonismo de mulheres” e “mudanças climáticas”. Para o qual se utilizou uma metodologia descritivo-analítico-reflexiva (MARCOLINO e MIZUKAMI, 2008). Essa metodologia permite o embasamento teórico, a partir de referenciais bibliográficos existentes na literatura, seja realizado uma análise reflexiva do tema proposto sob o modo descritivo.

Para nortear essa reflexão, foram apresentados os conceitos de mudanças climáticas e suas consequências e sua relação com os modos de vida das mulheres camponesas. A pesquisa se baseou na hipótese de que as políticas públicas não atendem plenamente a este gênero de pessoas do campo no sentido de dar condições de qualidade à vida dessas mulheres quando são afetadas pelo fenômeno das mudanças climáticas.

Foi realizada uma análise comparativa teórica do potencial de trabalho das mulheres e homens do campo e suas respectivas rendas. Buscou-se também o estado da arte sobre as estratégias e propostas disponíveis para a melhoria da qualidade de vida das mulheres do campo. Os elementos teóricos para esse estudo comparativo teve por base dados do Censo Agropecuário (2017), da FAO (2017) e outras fontes literárias.

Impactos das mudanças climáticas sobre a vida das mulheres do campo

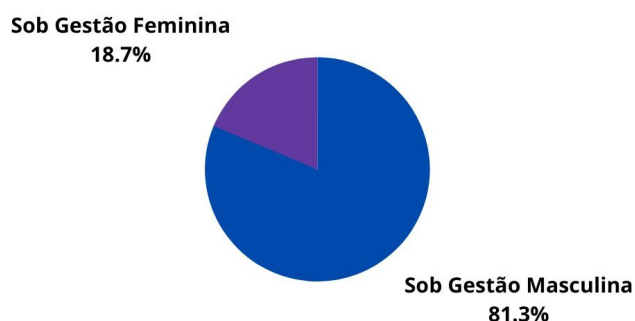
Os efeitos das mudanças climáticas não são iguais para todos, varia de acordo com os lugares e pessoas (OLIVEIRA, et al., 2021). Esses impactos na agricultura afetam significativamente a vida das mulheres, dada a sua importância na produção de alimentos. Segundo a FAO e outros (2017), as mulheres rurais são responsáveis por mais da metade da produção de alimentos e desempenham um importante papel na preservação da biodiversidade, além de garantir a soberania e a segurança alimentar a partir da produção de alimentos saudáveis. As consequências dessas mudanças prevê a redução da área cultivável, com perdas estimadas em torno de 11 milhões de hectares até 2030, afetando a produtividade, podendo afetar a soberania e segurança alimentar e nutricional do Brasil. Na agricultura familiar e de subsistência, essa ameaça é ainda mais acentuada, pois essa categoria é responsável por uma parte significativa dos alimentos que vão para mesa do povo brasileiro podendo gerar desde a falta de alimentos até a elevação dos preços dos mesmos.

Segundo o IBGE, o Brasil totaliza 5,07 milhões de estabelecimentos agropecuários, sendo que 81,3% (4,11 milhões) estavam sob gestão masculina e 18,7% (946 mil) sob gestão feminina, considerando todas as formas de direção (Gráfico 1).

Gráfico 1.

Total de estabelecimentos agropecuários do Brasil sob gestão feminina e masculina.

O Brasil totaliza 5,07 milhões de estabelecimentos agropecuários

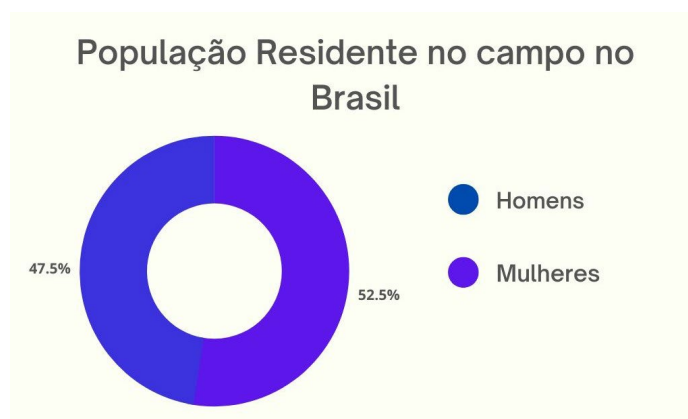


Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

Do total de estabelecimentos, 77,1% (3,89 milhões) foram classificados como Agricultura Familiar (AF), cerca de 15 milhões de mulheres vivem na área rural, o que representa 47,5% da população residente no campo no Brasil (Gráfico 2).

Gráfico 2.

População Residente no campo no Brasil por gênero



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017).

De acordo com o IBGE (2017), as agricultoras familiares estão em condições mais desfavoráveis que os agricultores familiares, o fato de que 24,8% das agricultoras familiares dirigentes de estabelecimentos não sabe ler ou escrever, sendo que destas, aproximadamente 59% são pardas e cerca de 16% são pretas (Figura 1) Assim, é preciso destacar que há uma

relação entre estudo e renda, que mostra que quanto mais se estudar, maior a renda. Esse é dado alarmante que nos mostra o quão as populações do mundo rural estão à margem da pobreza e conseqüentemente são muito mais atingidas por essas mudanças.

Figura 1.

Condições desfavoráveis das agricultoras familiares, comparado com os agricultores familiares.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (2017).

O protagonismo das mulheres que ocorre desde os primórdios da humanidade com a divisão social do trabalho, elas tiveram que assumir as tarefas domésticas, além das atividades com os homens na lavoura, levando ao esquecimento e invisibilidade do trabalho das mulheres rurais (OLIVEIRA, et al., 2021). O trabalho de agricultora ainda é visto como ajuda, sendo que elas se destacam em todas as etapas do processo produtivo de alimentos e nas atividades de geração de renda, economia solidária e desenvolvimento econômico e social no campo (ANTONIO, et al., 2020).

Os impactos das mudanças climáticas podem ser sentidos de diversas formas, como mais intensos e prolongados período de estiagem, pouca chuva e da sua irregularidade no tempo e no espaço, aumento da temperatura média, e o aumento da evaporação das águas. Seja como for, esses impactos vem impondo novos desafios no fazer da agricultura para garantir segurança alimentar e qualidade de vida. É fundamental evidenciar que esses fenômenos é o produto de um padrão de desenvolvimento centrado no consumo intensivo de energias fósseis (CAPITANI, 2022).

Como consequência dessa crise climática mundial, a cada ano o calor vem aumentando e dificultando o trabalho na roça, a cada ano ocorre variação do volume de água das chuvas, menor disponibilidade de água (seca, desertificação), diminuição da população de espécies (fauna e flora), danos aos ciclos naturais e aos ecossistemas.

Nesse contexto, a sobrecarga de trabalho das mulheres tende a se acentuar, isso porque criam-se situações que provocam restrições ao acesso a recursos produtivos, redução de

escassez de água e desaparecimento de fontes tradicionais de alimentos que são provocadas pelas mudanças climáticas e induzem a uma migração seletiva de homens, o que afeta diretamente no aumento da carga de trabalho das mulheres (FERREIRA, et al., 2009). Essa migração sazonal de parte dos homens em busca de trabalho, são obrigados a deixar suas famílias e trabalho em sua propriedade, para vender sua forma de trabalho informalmente e com salários precarizados, em alguns casos as mulheres também migram em busca de trabalho (FERREIRA, et al., 2009).

Estratégias e propostas para a melhoria da qualidade de vida das mulheres do campo

A carta da Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher que aconteceu em Nova York em 1979, no seu artigo 14, solicita que seja adotado “todas as medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra a mulher nas zonas rurais a fim de assegurar condições de igualdade entre homens e mulheres, sua participação no desenvolvimento rural e em seus benefícios”, esse chamado é para garantir um conjunto de direitos como acesso ao crédito, assistência técnica, seguridade social, serviços de atenção médica e educação (CEDAW, 1979).

Existe uma relação muito forte das mulheres com a natureza, são guardiãs dos recursos naturais. As mulheres camponesas são a linha de frente no combate aos desequilíbrios no planeta, a partir da produção de alimentos saudáveis, implantação de sistemas agroflorestais como ferramenta de restauração e recuperação de áreas degradadas (CAPITANI, 2022).

Dessa forma, esse olhar agroecológico que as mulheres camponesas têm, supera a lógica etnocêntrica que vivemos, partindo de um olhar crítico como proposta desse novo modelo, tendo a agroecologia como ferramenta primordial do diálogo entre conhecimento científico e o conhecimento empírico, buscando alternativas produtivas e socioculturais no combate a inúmeros problemas que atingem a sociedade (ANTONIO, et al., 2020).

Assim, é preciso que tenhamos mudanças urgentes no nosso modelo agrário, produtivista, excludente, que destrói os recursos naturais. É preciso um olhar com foco na perspectiva social, econômica, ambiental e alternativas, com um olhar agroecológico e eco feminista para orientação da construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável.

Estratégias agroecológicas frente às mudanças climáticas

Os efeitos das mudanças no clima foram significativamente acentuados a partir do momento em que mudaram a forma de fazer agricultura. Assim, há uma necessidade urgente de estratégias, sejam por políticas públicas ou ações coletivas e individuais, que contribuam

para o aumento da produção de alimentos saudáveis e que garantam a segurança alimentar das populações camponesas (ANTONIO, et al., 2020)..

Sendo assim, avaliando a importância e a capacidade da mulher camponesa na organização e protagonismo, mesmo que invisíveis, as práticas agroecológicas podem aumentar a eficiência dos aspectos econômicos e sociais do campo, favorecendo uma maior autonomia, resiliência e dinamismo dos agroecossistemas, promovendo uma melhor condições para combater as mudanças climáticas (ANTONIO, et al., 2020)..

Essas estratégias com base nas perspectivas agroecológicas visam a estruturação de hortas comunitárias; a diversificação da produção e da alimentação das famílias; o estímulo à participação nas feiras agroecológicas; o fortalecimento das associações de produtores; a promoção de intercâmbios de experiências com outras famílias e comunidades; a comercialização de alimentos através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) (FERREIRA, et al., 2009).

A reorganização dessas unidades produtivas na perspectiva agroecológica acarretam dinamização do trabalho das famílias, homens que antes necessitavam migrar em busca de trabalho, encontram a possibilidade de permanecerem em suas próprias terras, trazendo um efeito evidente na qualidade de vida das mulheres, que podem compartilhar os trabalhos da lavoura com seus companheiros (FERREIRA, et al., 2009).

O trabalho compartilhado foi conseguido através de muita luta, isso porque as mulheres vêm participando de processos onde o intercâmbio de experiências agroecológicas é uma ferramenta importante para o seu empoderamento (FERREIRA, et al., 2009).

Os debates sobre mudanças climáticas não têm incorporado a perspectiva de gênero na análise dos impactos sobre a sociedade e na elaboração de potenciais alternativas para a construção de estratégias de adaptação. As mulheres têm sido claramente alijadas das decisões sobre as políticas relacionadas aos impactos das mudanças climáticas, o que demonstra que se tem perpetuado a subavaliação e o desconhecimento sobre a importância das mulheres na gestão dos recursos naturais, como água, solos e biodiversidade. Como exemplo, a ausência das contribuições da agricultura familiar camponesa e, especificamente, das mulheres agricultoras para mitigação e adaptação dos efeitos das mudanças climáticas nos capítulos do Plano Nacional sobre Mudança do Clima, lançado pelo governo brasileiro no final de 2008.

Considerações Finais/Conclusões

O estado da arte sobre esse tema, foi possível demonstrar que o empoderamento das mulheres rurais, devido ao seu protagonismo, construído a partir dos impactos ocasionados pelas mudanças climáticas pode ser um grande diferencial para a sobrevivência do planeta. Para tanto, se faz necessário melhorar a qualidade de vida dessas mulheres, sobretudo as que

se encontram em condições maiores de vulnerabilidade. As mudanças climáticas acarretam diversas consequências que afetam em cheio a vida das mulheres camponesas, são ainda mais afetadas por essas mudanças por estarem em um dos grupos mais vulneráveis da sociedade. Esses impactos na agricultura afetam significativamente a vida das mulheres do campo, pois elas são responsáveis por produzir parte dos alimentos que chegam na mesa do povo, apesar desse trabalho ser invisibilizado e visto como uma mera ajuda, as mulheres camponesas têm papel primordial na produção de alimentos saudáveis.

É preciso que haja uma mudança urgente no uso dos recursos naturais do planeta, dada a situação de crise que vem sendo vivenciada, faz-se necessário novas políticas que visem um desenvolvimento sustentável que seja eficiente para a preservação do nosso planeta. As mulheres do campo têm fortes laços com a natureza, tem o papel de guardião dos recursos naturais que ainda existem, assume a linha de frente no combate a destruição do meio ambiente. É importante salientar que através do empoderamento e da autonomia dessas mulheres, cada vez mais elas estão fortalecidas e envolvidas no processo de luta pela sustentabilidade ambiental e equilíbrio do planeta terra.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO G.J.Y et al. O protagonismo das mulheres rurais. Realidade atemporal: o caso de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. Rio de Janeiro. 18 de maio de 2020. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/217683/1/O-protagonismo-das-mulheres-rurais.pdf>>.
- BONJANIC, A. A Importância das Mulheres Rurais no Desenvolvimento Sustentável do Futuro. Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación e la Agricultura (FAO), 2017. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/es/c/1071672/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.
- CAPITANI, R. Mudanças climáticas e produção de alimentos: o que as mulheres têm a ver com isso. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2022. Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/03/23/mudancas-climaticas-e-producao-de-alimentos-o-que-as-mulheres-tem-a-ver-com-isso/>>.
- FERREIRA, A.P.L., et al.. Mulheres Construindo a Agroecologia. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia. Rio de Janeiro. V. 6, n. 4, p 36-40, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/589/240.pdf?sequence=1#page=36>>.
- FIELD, C. B.; BARROS, V. R.; DOKKEN, J. D.; MACH, K. J.; MASTRANDREA, D. M. et al. IPCC, 2014: Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change, 2014. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-PartA_FINAL.pdf.

GONÇALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf.

HORA, K.; NOBRE, M.; BUTTO, A.. *As Mulheres no Censo Agropecuário 2017*. São Paulo. FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/17954-20210816.pdf>>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Agropecuário, 2017*. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/resultados-censo-agro-2017.html>>.

MARCOLINO, T. Q.; MIZUKAMI, M. G. N. Narrativas, processos reflexivos e prática profissional: apontamentos para a pesquisa e formação. *Interface Comum*, v. 12, n. 26, p.541- 547, 2008.

MOREIRA, J. Entrevista: Covid-19 e as mulheres atingidas por crimes ambientais. *Coletivo Nós, mulheres e periferia*. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/entrevista-covid-19-e-as-mulheres-atingidas-por-crimes-ambientais/>.

OLIVEIRA, M; PODCAMENI, M.G.; LUSTOSA, M.C.; GRACA, L. “A dimensão de gênero no Big Push para a Sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira”, *Documentos de Projetos (LC/TS.2021/6; LC/BRS/TS.2021/1)*, Santiago e São Paulo, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe e Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2021. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46643/1/S2000925_pt.pdf.

OLIVEIRA, Naia. Grupos Mulheres da Terra: abordagem fundamentada no ecofeminismo e na alfabetização ecológica. *Mulher e Trabalho*, v. 5, p. 101-112, 2005. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2716/3039>>.

PIMENTEL, S. Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher- *Cedaw 1979. Instrumentos Internacionais de Direitos das Mulheres*, p 14 - 33, Brasília, 2006. Disponível em: https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2012/08/SPM_instrumentosinternacionaisdireitosdasmulheres.pdf.